

DOCUMENTO

O pronunciamento de Bolsonaro que consolidou a diretriz negacionista e comprova sua diretriz genocida

Gilberto Calil¹

O discurso de Jair Bolsonaro no dia 24 de março de 2020 não pode ser esquecido. É um documento histórico que comprova a intencionalidade genocida, que explicita sua perspectiva de agravar e prolongar a pandemia no Brasil. Emitido três dias depois de anunciado o *lockdown* em São Paulo e em diversos outros estados e no mesmo dia em que se iniciou sua vigência, este pronunciamento reuniu uma ampla gama de argumentos baseados em desinformações, mentiras e suposições infundadas para estimular um comportamento favorável à rápida e descontrolada proliferação do vírus.

O momento em que este pronunciamento se deu era absolutamente decisivo para determinar o impacto da pandemia no país: o Brasil registrava 2.259 casos e 46 mortes, e ainda tinha a possibilidade de conter a disseminação do vírus, bloqueando a transmissão comunitária, isolando casos, realizando testagem e colocando em prática políticas adequadas. Ainda que de forma insuficiente, as determinações de diversos governadores expressavam um movimento visando reduzir a contaminação. O país contava com fatores favoráveis que poderiam propiciar uma contenção exemplar: com os primeiros casos registrados mais de um mês depois que os principais países europeus, seria possível enfrentar a pandemia aqui já com conhecimentos mais bem estabelecidos, o que no mínimo deveria servir para descartar a absurda hipótese da “imunidade coletiva por contaminação” (ou “imunidade de rebanho”), cuja adoção na Itália produziu um número até então impensável de mortes diárias, registrando-se 756 óbitos no mesmo dia 24 de março em que deu-se o pronunciamento. Além disso, o Brasil contava com um Sistema Único de Saúde comprovadamente eficaz e capilarizado o suficiente para sustentar uma política de contenção efetiva. Neste sentido, a virulência com que o ex-presidente se manifestou naquela noite expressa uma indisfarçável ânsia pela rápida expansão do número de casos, condição necessária para inviabilizar completamente qualquer política de contenção.

Situar o momento em que este pronunciamento foi proferido é fundamental, pois embora a transmissão no país estivesse em um estágio inicial – a ponto de que ainda seria possível uma política de contenção radical –, o conhecimento sobre o novo vírus já tinha avançado bastante e todos os governos europeus que em algum momento adotaram a política da “imunização por contágio” já tinham voltado atrás, inclusive o mais reticente deles, Boris Johnson, que admitiu o equívoco em discurso em 23 de março. Sem vacinação disponível, estudos já projetavam uma taxa de letalidade que poderia atingir 1% dos contaminados, e naquela mesma semana era publicada a projeção do Imperial College of London que indicava a necessidade de políticas de supressão como única alternativa para evitar milhões de mortes e projetava para o Brasil

¹ Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE. gilbertocalil@uol.com.br

um número de vítimas fatais que variava entre 44.212 óbitos (se fossem adotadas medidas imediatas e efetivas) e 1.152.283 óbitos, no pior cenário (sem medidas de contenção nem mitigação).² Entre os fatores adicionais que ressaltavam o absurdo de uma política de disseminação do vírus, vale mencionar também que já eram registrados os primeiros casos de reinfecção, que já eram conhecidos relatos sobre inúmeras sequelas entre os sobreviventes (ou “recuperados”, conforme o léxico do negacionismo) e que crescia a preocupação com a possibilidade de mutações que anulassem a imunização por contágio.

O primeiro óbito no país foi registrado no dia 17 de março, apenas uma semana antes do fatídico discurso. Aquele era um momento decisivo, e os rumos que fossem tomados ali seriam determinantes. As primeiras medidas de contenção foram anunciadas em 13 de março, quando eram registrados apenas 151 casos no país, e nenhum óbito.³ Naquele momento, o Ministro da Saúde Henrique Mandetta determinou o cancelamento de cruzeiros turísticos no país e a obrigatoriedade de 15 dias de isolamento a todos os passageiros que ingressassem no país vindos do exterior. Eram medidas bastante tímidas. Na realidade, Mandetta não acreditava na possibilidade de contenção efetiva da transmissão (política adotada sobretudo por governos asiáticos, que em muito casos determinou uma letalidade várias vezes inferior à dos países ocidentais), mas ainda assim avaliava que era necessário adotar políticas de mitigação – ou seja, reduzir o ritmo de contaminação, mesmo não acreditando que seria possível a total supressão. A despeito da timidez e insuficiência destas medidas, elas foram revogadas no mesmo dia por expressa determinação presidencial.⁴ Em 14 de março, conforme denúncia do infectologista Julio Croda, Bolsonaro teria censurado um Boletim Epidemiológico que indicava a gravidade da situação e recomendava medidas de isolamento social.⁵ Em 18 de março, nova determinação estabelecia que a partir daquela data seriam testados apenas os pacientes em estado grave, o que definitivamente inviabilizava qualquer política de contenção.

Jair Bolsonaro tinha a seu favor o fato de que é muito mais fácil produzir o descontrole da pandemia do que o contrário. Para haver contenção efetiva, é imprescindível um amplo consenso social, informação clara e confiável e compromisso coletivo com as políticas socialmente adotadas. Basta uma pequena parcela da população disposta a sabotar as medidas para que a contenção seja inviabilizada. Mesmo a política de mitigação – bem mais modesta, já que ao invés de propor a supressão da pandemia pretende apenas reduzir o ritmo da contaminação (ou “achatar a curva”, na expressão que se popularizou), o suficiente para impedir o colapso do sistema de saúde – necessita um grau de compromisso do conjunto da sociedade. Portanto, ainda que a posição negacionista fosse repudiada pela maior parte da sociedade – como foi o caso naquele momento, com uma reação majoritariamente contrária ao pronunciamento – bastava que uma parcela estivesse convencida de que se

² <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-Global-Impact-26-03-2020.pdf>. Consultado em 10/08/2023.

³ <https://www.worldometers.info/coronavirus/brazil>. Consultado em 10/08/2023.

⁴ O episódio é detalhadamente relatado em MANDETTA, Luiz Henrique. *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020, p. 83-84.

⁵ O episódio levou Julio Croda a se demitir, conforme denunciado em <https://www.youtube.com/watch?v=kMFj7hPwOyU>. Consultado em 10 de agosto de 2023.

tratava de uma “gripezinha” para que as políticas adotadas pelos estados fracassassem e, pior, se produzisse uma sensação de que o isolamento social era inútil e que de uma forma ou outra a transmissão ocorreria.

Mesmo em um país no qual nos primeiros meses a contenção foi exitosa, como é o caso da Argentina,⁶ a quebra do consenso social produziu efeitos catastróficos. Inicialmente propagada por negacionistas de extrema-direita como Javier Milei, que se notabilizou por atacar todas as medidas de contenção como ataques à “liberdade individual”, progressivamente a recusa às medidas de contenção foi ganhando adeptos e revertendo o êxito inicial. Na precisa análise do sociólogo Daniel Feierstein, a quebra do consenso social deu-se em várias fases: inicialmente pequenos protestos até que se desse a naturalização da transmissão e disseminação da ideia de que nada poderia evitá-la, o que foi facilitado pela insuficiência do auxílio governamental aos que necessitavam. Assim, “*a aposta inicial pela prioridade da saúde e da vida foi perdendo espaço, como produto tanto de erros e decisões governamentais como de diversas investidas do poder econômico concentrado, dos meios de comunicação de massa e setores importantes da oposição política*”.⁷ O exemplo argentino nos ajuda a dimensionar o impacto da ação do bolsonarismo no Brasil, considerando aqui haver uma parcela da população que por adesão política a sua liderança estava desde o início disposta a seguir as orientações mais absurdas por ele indicadas.

O conteúdo do pronunciamento fala por si, e seria pueril contestar uma a uma as infundáveis afirmações falaciosas que o permeiam. A maior parte das afirmações inverídicas continuaria sendo reproduzida reiteradamente ao longo da pandemia, tanto em pronunciamentos presidenciais como disseminada na forma de memes, teatralizada na forma de áudios de falsos médicos e enfermeiros, ou mesmo de profissionais da saúde dispostos a propagar o negacionismo.

De acordo com a agência de checagem Aos Fatos, em 1.459 dias na presidência, Jair Bolsonaro fez 6.685 declarações falsas ou distorcidas.⁸ Dentre elas, uma muito expressiva parcela – 2.604, ou 39% - refere-se diretamente ao Covid-19. Um dos eixos do discurso – a afirmação de que apenas aqueles com mais de 60 anos corriam algum risco caso contaminados - que já deixava clara a intenção de chegar à imunidade por contágio. Apenas dois dias depois, Bolsonaro explicitaria a tese de que o país estaria livre do coronavírus quando 70% da população tivesse se contaminado, uma mentira repetida 35 vezes entre março e julho de 2020. Isto implicaria em 150 milhões de contaminados, o que, considerando a taxa de letalidade, provocaria entre 1 e 1,5 milhão de mortes.

É notável que neste pronunciamento também se inaugura o curandeirismo presidencial, com a propagação da cloroquina como potencial medicamento contra o

⁶ No final de junho de 2020, a Argentina registrava 3.429 óbitos, enquanto o Brasil, com uma população pouco mais de quatro vezes superior à da Argentina, já atingia 59.656 – mais de 17 vezes mais mortes. https://www.worldometers.info/coronavirus/#main_table. Consultado em 10/08/2023.

⁷ FEIERSTEIN, Daniel. *Pandemia: um balance social y politico de la crisis del Covid-19*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2021, p. 81. Tradução livre.

⁸ <https://www.aosfatos.org/todas-as-declaracoes-de-bolsonaro/>. Consultado em 10/08/2023.

coronavírus. Para estimular seus adeptos a um comportamento de risco, era imprescindível propor a existência de algo que lhes desse segurança frente à ameaça visível, e por esta razão a cloroquina, assim como as inúmeras outras substâncias comprovadamente ineficazes, como a ivermectina, que foram propagadas como soluções milagrosas cumpriram um papel fundamental. De acordo com a agência Aos fatos, Bolsonaro propagou 95 vezes que a cloroquina seria um remédio eficaz, fez o mesmo com a ivermectina 33 vezes, e outras tantas combinou medicamentos que constituiriam um suposto “tratamento precoce”.⁹

Não é possível alegar ignorância. Não é um discurso confuso. O que o então presidente da República emitiu em 24 de março foi uma criminoso extorção ao contágio, com o claro objetivo de tornar a situação da pandemia no país fora de controle o mais rápido possível.

**Pronunciamento do Senhor Presidente da República,
Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão, 24
de março de 2020¹⁰**

Boa noite.

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.

Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.

⁹ <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/?q=cloroquina&o=#>. Consultado em 10/08/2023.

¹⁰ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm> Consultado em 10/08/2023.

Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.

Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lupus e à artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Deus abençoe nossa Pátria querida.